

Y. K.
CENTENO

As Três Cidras
do Amor

TEATRO



AS TRÊS CIDRAS DO AMOR

Título: *As Três Cidras do Amor*
© Y. K. Centeno e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1991

Concepção gráfica de João Botelho
Coordenação de António Lobo

ISBN 972-9013-76-4

Non As Três Cidras do Amor 9

AS TRÊS CIDRAS DO AMOR 11

Cena 0 17

Cena 1 19

Os Deuses do Rio

Cena 2 29

Os Encontros no Flechista

Cena 3 35

A Cidra do Amor

Cena 4 43

Uma Prata Perdida

Cena 5 55

Dois e Metade

Cena 6 61

A Verdade no seu Jardim

Cotovia

Teatro Nacional D. Maria II

As Três Cidras do Amor

Personagens

Fernando Pessoa

Ama

Rei

Secretário

Príncipe

Trovador

Mago

Vento

1.º Cortesão

2.º Cortesão

Velha

1.ª Menina

2.ª Menina

3.ª Menina

Criado Surdo

Cortesão que Ri

Cortesão que Chora

Preta

Aia

Pajem

Pintor

Jardineiro

Pomba

1.º Criado

2.º Criado

3.º Criado

Indicações

O príncipe desloca-se a cavalo.

Os cortesãos e criados em trotinetes, skates, patins, a pé, conforme o gosto de cada um.

O rei e o jardineiro andam a pé, bem como o mago e o trovador. A menina da cidra pode ter poses de bailarina, a bruxa preta poses de contorcionista.

As flores e frutos do jardim cantam com voz suave, acompanhando o jardineiro nas canções.

Os bichos que surgirem emitem roncos assustadores, que fazem tremer ou mesmo apagar as luzes.

Dos cortesãos há um que troca as sílabas quando fala. Outro tem máscara de riso. Outro tem máscara de choro. Dos criados há um que sempre tropeça.

O mago da corte deita fumo pela boca, quando fala. Ou deita fitas de côr, ou bolas de sabão (como um ilusionista). Chapéu bicudo, de estrelas, na cabeça, lembrando as origens, mas utilizando um computador que consulta à vontade, fazendo cálculos complicados que depois imprime numa bela impressora. Quando não trabalha no computador o mago espreita o céu por uma luneta.

Cama de almofadas, no chão, com duas crianças a brincar, ou, sobretudo, a olhar para a televisão, que está ligada (não se vêem as imagens, claro, pois a história acontece no palco!).

Cena 0.

Ama, à lareira, com Fernando Pessoa (ou já velho ou ainda adolescente).

F.P.

Não sei, ama, onde era,
Nunca o saberei...
Sei que era primavera
E o jardim era do rei...

AMA

Filha, quem o soubera!

F.P.

Que azul tão azul tinha
Ali o azul do céu!
Se eu não era a rainha,
Por que era tudo meu?

AMA

Filha, quem o adivinha?

F.P.

E o jardim tinha flores
De que não me sei lembrar...
Flores de tantas cores...
Penso e fico a chorar...

AMA

Filha, os sonhos são dores...

F.P.

Qualquer dia viria
Qualquer coisa a fazer
Toda aquela alegria
Alegria a nascer...

AMA

Filha, o resto é morrer...

F.P.

Conta-me contos, ama...
Todos os contos são
Esse dia, e o jardim e a dama
Que eu fui naquela solidão...

Indicações: a ama deverá ter o ar bonacheirão da que foi mesmo a ama negra de Fernando Pessoa.

A luz apaga-se, ou é reduzida até ao final. No final, a cena poderá ser recuperada.

Cena 1.

Os Desejos do Rei.

O rei está sentado no cadeirão do trono. É um rei velho, de longas barbas brancas. Está desgostoso porque o príncipe seu filho só pensa em divertimentos e não há meio de se decidir a casar com alguma bela princesa.

A sala grande do palácio tem um ar desolado, mais parece um deserto, e nela vão circulando alguns (poucos) cortesãos e criados. O cortesão que ri, o cortesão que chora, o criado que tropeça (ou que puxa as meias, ou que perde os sapatos, etc.).

A um canto, discreto e retirado até que chegue o seu momento, o poeta da corte, o trovador, que o rei e o príncipe muito apreciam.

Canta ou recita, acompanhando-se à viola.

Haverá cartazes, trazidos ou erguidos pelos criados, resumindo ou comentando a acção, quando for caso disso (ou dando a indicação dos títulos das cenas).

O rei, tristonho e distraído, brinca com a coroa, que ora tira ora põe na cabeça. A dada altura deixa-a mesmo cair no meio do chão. Há um reboliço para a apanhar. É o cortesão que ri o primeiro a agarrá-la e corre, como se se tratasse de uma bola de rãguebi. Os outros caem-lhe em cima e devolvem a coroa ao rei.

Este cortesão andarรก, em regra, perto do rei, procurando sentar-se na cadeira que lhe fique mais pr3xima. Se nŁo for a cadeira serve um banco, uma almofada, o que for. Mas sempre perto do rei estarŁo, de prefer4ncia, ou o seu secretŁrio, ou, na alternativa, o mago (que 4 tamb4m seu conselheiro avisado).

REI

Eu devia ser feliz, mas nŁo consigo. Olho ao redor, e o que vejo? A terra gasta, sem flor. Olho para mim e o que sinto? Um peso enorme na alma. O corpo gasto, a alma gasta — um vazio, por dentro, maior do que este vazio que vejo Ł minha roda, na terra, ou nos sal3es enormes do palŁcio. Falta-me a boa rainha. Ainda nŁo me consolei... Espero agora que pela mŁo do meu filho me seja trazida uma nora. Uma princesa linda, digna do pr4ncipe herdeiro... Sonho com o momento em que se beba tal vinho. O doce vinho do amor, a mŁgica bebida do desejo que eu outrora bebi e agora vejo que o meu filho, por mim, pelo nosso reino, terŁ tamb4m de beber. NŁo 4 por mim, digo mal. 4 por tudo Ł nossa volta: a terra, que se quer f4rtil, com o trigo luminoso... os mares, cheios de peixe... O pr3prio c4u, com as aves. NŁo 4 exagero meu, 4 o segredo da vida, que passa por tais mist4rios. A vida que nos 4 dada, e nŁo em vŁo, nunca em vŁo — mas para ser continuada... sempre amada... desejada...

SECRETŁRIO

Senhor, desculpai a interrup3Ło. O pr4ncipe jŁ estŁ pronto a sair para a ca3ada.

REI

Ai, 4 isso que me desgosta! O pr4ncipe nŁo liga nada aos pedidos que lhe fa3o. Diz que tem tempo, que 4

novo... E é verdade, ainda é novo... Ele é novo. Mas eu sou velho, é esse o meu grande problema que ele não há meio de ver. Preciso de um sucessor. É a vez dele. E eu espero... Sim, sonho e espero! Durmo, faço como as crianças... e fico à espera que alguma coisa aconteça. O príncipe meu filho não poderá perceber-me? Dar-me um pouco de atenção? Este reino é um deserto. Eu à caça já não vou, não tenho pernas para andar. Tampouco posso pescar: a minha mão não é certa. Vivo triste, sinto-me incompreendido. Perdi a minha rainha e o príncipe não obedece. Há-de ser o herdeiro, isso sim. Mas eu quero mais do que isso. Quero uma nora, e depressa, e quero muitos netinhos. Quero vê-los a brincar à minha roda... Para o reino ficar alegre! Alegre como era dantes... Mas ao príncipe meu filho nenhuma princesa agrada. Umas são magras, demasiado magras, outras são gordas, demasiado gordas, todas são feias. Envio mensageiros a norte e a sul, oriente e ocidente, a todos os reinos do mundo. Princesas de todo o lado... Em vão. Ele recusa-se a escolher. Estou velho, preciso de um sucessor que faça exactamente o que eu fiz: vim para este reino que agora lhe vou deixar, casei, fui muito feliz. Tive este filho, que me contraria, que me contradiz, que é demasiado senhor do seu nariz! A minha boa rainha já não pode aconselhá-lo. (*Suspira.*) Um rapaz que só pensa em caçadas, e nas festas das caçadas... Só em divertimentos... (*O cortesão que chora concorda, abanando a cabeça.*)

Entra o príncipe, a cavalo (cavalo de papelão).

PRÍNCIPE

Adeus meu pai. Mais logo voltarei e daremos uma bela festa: veados, javalis, perdizes... sei lá! O que vier da caçada.